

A UTILIZAÇÃO DA IMAGEM DE SÍMON BOLÍVAR POR HUGO CHÁVEZ NA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE NACIONAL PARA A VENEZUELA

**Maria Socorro Rodrigues Nogueira
Jeisy Maria Ricarte Canuto**

RESUMO

Pensando os conceitos de Tradições Inventadas, Comunidades Imaginas e Identidades Nacionais, buscaremos analisar a forma como Hugo Chávez se utiliza da figura de Simón Bolívar no sentido de criar uma nova Identidade Nacional para a Venezuela e também promover sua própria imagem. Dessa forma, Chávez vai buscar, no passado histórico do país, elementos que justifiquem sua luta pela integração das nações latino-americanas, e não apenas exaltar a figura do caudilho como fizeram outros presidentes da Venezuela.

Palavras-chave: Venezuela, Identidade Nacional, Hugo Chávez, Simón Bolívar.

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende fazer uma reflexão sobre Hugo Chávez e a forma como ele se apropriou da figura de Simón Bolívar como elemento da construção da Identidade Nacional do povo venezuelano. Durante dez anos, Simón Bolívar conduziu as lutas latino-americanas contra a dominação da Espanha, a favor da independência. Após sua morte, diferentes estadistas não deram visibilidade a sua imagem, posteriormente, alguns presidentes passaram a exaltá-lo como símbolo de libertação da Venezuela. Hugo Chávez eleva a figura de Bolívar, como o libertador, e vai buscar em seu passado histórico, elementos para a construção de uma nova identidade para Venezuela.

O artigo está dividido em três partes. Inicialmente, abordamos as Comunidades Simbólicas e as Identidades Nacionais; na segunda, apresentamos a trajetória de Simón Bolívar e Hugo Chávez Frias; na terceira, os mecanismos usados por Chávez para veicular a imagem de Simón Bolívar na construção da Identidade Nacional.

AS COMUNIDADES SIMBÓLICAS E AS IDENTIDADES NACIONAIS

As culturas nacionais são compostas não apenas por instituições, mas também de

representações simbólicas. Uma cultura nacional pode ser um discurso – um modo de construir tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. “No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural”.¹ Elas podem produzir sentidos – com os quais podemos nos identificar – contidos nas histórias contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente. A construção de uma identidade nacional, a partir das representações, cria comunidades simbólicas, gerando na população sentimentos de identidade e lealdade. Não podemos esquecer que essas representações, muitas vezes, são postas pelas classes dominantes para as dominadas, e são utilizadas como forma de legitimar determinados governos. Hugo Chávez se apropria de imagens e características de Simón Bolívar para a criação de uma identidade cultural na Venezuela, buscando apoio não apenas entre os militares – setor no qual obteve sua formação política – mas também no povo, o que serve como fator legitimador para seu governo. A construção das comunidades imaginadas², geralmente, acontece através da valorização do passado, seja ele, real ou irreal.

As identidades existentes nos países da América Latina não são originais e homogêneas, pois foram construídas, também, através da dominação das metrópoles sobre as colônias – impondo línguas, costumes, leis, tradições – e após as independências, por disputas pela formação das fronteiras; portanto, devemos refletir sobre qual prisma foram construídas essas identidades. Outro elemento da não homogeneização das identidades pode ser visto através das diferenças sociais existentes nas sociedades. As identidades nacionais não subordinam as outras formas de diferenças e não estão livres dos jogos de poder, das divisões e contradições internas. Assim, quando vamos discutir a forma como essas identidades estão sendo deslocadas, devemos pensar como as culturas nacionais contribuem para costurar as diferenças numa única identidade.

Discutir a construção de uma identidade venezuelana, tendo como um dos eixos principais a figura de Simón Bolívar, veiculada pelo presidente venezuelano, trás ao cenário uma gama de reflexões, como representações simbólicas, tradições inventadas³, construção dos Estados Nacionais em pleno século XXI, enfim uma problematização bastante instigadora.

SIMON BOLÍVAR E HUGO CHÁVEZ

Simón Bolívar conduziu as rebeliões latino-americanas contra a dominação espanhola, lutou durante dez anos – no início do século XIX – pelo processo de independência, não apenas da Venezuela, mas também, da Colômbia, Equador, Peru e Alto Peru (Bolívia). Defendeu, ainda, a libertação dos escravos, persuadido pelo governo haitiano, abolindo a escravidão em suas propriedades, bem antes desta acontecer na Venezuela. Durante suas lutas, Bolívar idealizou a

unificação política da América Espanhola, portanto, não foi possível, devido às divergências políticas e ideológicas e os diversos interesses que dividiam a América. Diante da impossibilidade de unificação política, Simón Bolívar concluiu que a América Latina era um espaço ingovernável. “Chávez procura, agora, fazer algo semelhante. Seu propósito é reacender o sonho bolivariano, buscando a unificação política da América Latina em novas bases: a integração interna de cada país”.⁴ Não podemos reduzir a figura do “libertador” à mera inspiração de Chávez, devemos levar em consideração a sua contribuição no processo histórico de libertação da América Espanhola.

Só que, a partir da construção da imagem que nesses países tem-se feito do Caudilho, através dos 200 anos de Independência, Hugo Chávez atribui uma carga de re-significados históricos à imagem de Simón Bolívar, exaltando-o ideologicamente como “O Libertador”, e inspirando-se nas tradições, ou nas tradições inventadas da nação para traçar um modelo de futuro. Foi nesse contexto que em 1999 rebatizou o país como República Bolivariana da Venezuela.

O presidente Hugo Chávez teve sua formação na área militar, classe social que tem uma contraditória valorização na América Espanhola.

As elites governantes sempre mantiveram posições ambíguas em relação às suas forças armadas. Por um lado, os militares são lembrados como baluartes essenciais e históricos contra indígenas rebeldes, cujas terras foram confiscadas por colonos através dos séculos. Do outro lado, embora os militares sejam úteis ou até indispensáveis para as elites governantes, também são considerados, como pertencentes a uma classe social inferior, pela qual se tem pouca consideração.⁵

Hugo Chávez é um tenente-coronel vindo da esquerda que traçou o seu percurso político voltado para as classes populares, luta contra a política dos países imperialistas, principalmente dos Estados Unidos, e busca através de manobras internacionais formar uma aliança entre os países da América Latina, da mesma forma como procurou fazer Simón Bolívar; daí a importância do Libertador na sua formação ideológica e política. Os pressupostos que levaram Hugo Chávez à presidência, vieram sendo gestados desde quando ele fazia parte das Forças Armadas Venezuelanas, onde observou claramente as grandes diferenças sociais, o alto grau de exploração das massas trabalhadoras e o enriquecimento ilícito dos que detinham o poder político. Juntando esses elementos, às suas convicções ideológicas, foi somente uma questão de tempo, para ele entrar no cenário político.

Tudo isso explica porque Hugo Chávez Frias _ cuja figura emerge como uma alternativa à crise _ ganhou com uma grande margem as eleições presidenciais de 06 de dezembro de 1998, com 56%

dos votos no primeiro turno. O povo, cansado da corrupção e cada vez mais cético com relação à maneira tradicional de fazer política, apostou em um candidato diferente.⁶

Hugo Chávez apostou na desilusão popular, para ganhar o apoio das massas e desenvolver, com suas convicções e idéias, uma nova sociedade venezuelana, onde o povo iria participar dessa construção e da nova identidade, pois tinha consciência de sua exploração. Em vários momentos do governo, Chávez foi posto a prova pelas classes dominantes da Venezuela, inicialmente com o Golpe de Estado de 11 de abril de 2002, organizado e liderado por setores das Forças Armadas e a oposição; posteriormente através do Referendo que revogou seu mandato em 15 de agosto de 2004. Os dois episódios o legitimaram no poder, onde se mantém até hoje sob o apoio do povo. A oposição feita a Hugo Chávez é bastante rígida e organizada; forte economicamente, posto que o grupo opositor é formado por oligarcas que detêm o controle econômico do país, possuindo ainda, o controle da mídia, de parte do judiciário e executivo, das altas patentes do Exército e da Igreja. Hugo Chávez teve que iniciar seu governo aliado majoritariamente com as massas, pois os partidos de esquerda estavam desmobilizados, restando as Forças Armadas, outro ator principal na construção das suas alianças.

A referida oposição não dá trégua, pois utiliza os recursos mais desonestos a fim de tirá-lo do poder. Portanto, a cada golpe dado pela oposição, cresce o apoio popular ao Presidente, as classes populares organizam-se e tomam consciência de seu papel dentro da sociedade venezuelana. O presidente demonstra acreditar na transformação do país, mas tem consciência de que isso é questão de tempo, e que primeiro deve haver uma mudança na mentalidade da população. Essa mudança pode ser feita através da construção de uma nova identidade, gerando uma coesão em torno da imagem do Libertador.

A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE NACIONAL NA VENEZUELA ATRAVÉS DA IMAGEM DO LIBERTADOR

O uso dos símbolos personificados na figura dos heróis, bem como a invenção das tradições é algo recente na História – ou melhor, que surgiu após a Revolução Francesa. Nesse contexto, é possível um presidente desconstruir uma República oligárquica para construir uma nova. Chávez recorre aos heróis do século XIX – Bolívar, Rodriguez, Zamora, entre outros –, que lutaram em prol das independências latino-americanas e após estas, contra latifundiários, a favor das causas do povo, o que demonstra sua identidade com esses caudilhos, gerando uma aproximação identitária do povo para com Chávez.

A forma como ele usa e recorre à figura destes heróis, principalmente à do Libertador, pode ser vista também no documentário **A Revolução não será televisionada**. Neste, sempre que o Presidente se apresenta publicamente coloca-se à frente de imagens de Bolívar: pinturas, esculturas, dentre outras, remetendo-se, em seus discursos, à sua figura, não apenas para exaltá-lo, mas para absorver seu aspecto histórico; construindo assim a idéia de liberdade da Pátria. Richard Gott, afirma que:

O próprio Chávez aderiu a essa revisão da história, introduzindo, em suas aulas na academia, o debate sobre o papel de Bolívar, num esforço por recuperar algumas das características do libertador que poderiam ter valor político no presente. Seu objetivo era se inspirar nas tradições históricas da nação, para traçar um modelo de futuro.⁷

Mesmo antes de ingressar na política, Chávez traçou o caminho a ser seguido, resgatando a imagem do Libertador como fonte de inspiração e ligação entre ele e o povo. Recorre ao passado histórico da Venezuela, evocando elementos embutidos na figura do caudilho, retomando, ou até mesmo, inventando tradições. Isto porque Chávez reacomoda, para Venezuela e América Latina do século XXI, um Simón Bolívar carente de erros, como se fosse o mito fundador de uma nova era para o continente, descartando qualquer possibilidade de evocar a figura de um ser humano, porém, de um herói, cheio de qualidades. Desse modo, podemos identificar nas ações do Presidente, uma relação com o conceito de Tradições Inventadas, quando ele busca no passado histórico, um Simón Bolívar que se encaixe nos seus interesses de construção de uma nova identidade para a Venezuela.

É perceptível a identificação de Chávez com Bolívar, quando os dois objetivam a união das nações latino-americanas, visando libertá-las da exploração dos países imperialistas, ontem Inglaterra, hoje os Estados Unidos. As circunstâncias e o contexto histórico mudaram, porém as relações de poder continuam latentes entre América latina e os países que se consideram de Primeiro Mundo. Lembremos as palavras de Bolívar, em sua famosa Carta de Jamaica: “yo deseo más que otro alguno ver formar en América la más grande nación del mundo, menos por su extensión y riquezas que por su libertad y gloria”⁸. Assim, o que está presente nos discursos de Bolívar e Chaves, é a idéia de possuir liberdade e dignidade, até mesmo, como algo maior que as riquezas que uma determinada sociedade pode possuir. Bolívar deixou expresso o projeto de unificação nessa Carta, onde relatou sua luta pela independência, porém, a concluiu pouco entusiasmado, quando destacou a impossibilidade da unificação da América espanhola, restando apenas um sonho, que jamais seria alcançado.

No culto a Bolívar, Chávez exalta não apenas a figura do Libertador, mas também a sua

própria imagem, através dos meios de comunicação, destacando-se como um verdadeiro Olímpiano⁹. Portanto, essa exaltação através da mídia torna-se difícil, pelo fato da maioria dos meios de comunicações da Venezuela pertencerem aos detentores do poder econômico, ou melhor, à oposição, restando ao Presidente a TV Estatal, Canal 8. Mesmo assim, criou o programa Alô, Presidente!, no qual, o povo pode falar diretamente com ele.

A imagem de Símon Bolívar é cultuada em todos os países da América Latina em que ele conduziu o processo de independência; na Venezuela não ocorreu diferente. Hugo Chávez apropriou-se dessa figura para traçar um novo caminho para o povo venezuelano, indo buscar no passado elementos para a construção do futuro com uma nova identidade nacional: liberdade e dignidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos fazer uma reflexão de como Hugo Chávez utiliza a imagem de Símon Bolívar no sentido de construir uma identidade para o povo venezuelano através da figura do Libertador. Ele vai buscar na História do País, pressupostos que legitimem seu trabalho, bem como a luta em busca da liberdade e da dignidade do povo.

Antes mesmo de ser presidente, Hugo Chávez admirava, analisava e divulgava em suas aulas de História, como professor da Academia Militar, a figura do Libertador, pensando um novo caminho a ser seguido pelo povo venezuelano. Alguns presidentes também exaltaram a imagem de Bolívar, a diferença é que Chávez se apropria de suas características mais marcantes, como forma de criar uma nova identidade para Venezuela. O projeto do Presidente, mesmo que em contextos históricos diferentes, se assemelha um pouco ao do Caudilho, posto que, como o Libertador, Chávez visa uma união da América Latina contra os países imperialistas.

NOTAS

HALL, STUART. *Identidades culturais na pós-modernidade*, Rio de Janeiro: DP & A Editora, 1997, pp 51.

² Conceito tomado de Benedict Anderson, *Comunidades imaginadas. Reflexões sobre el origen y la difusión del nacionalismo*, México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

³ Categoria usada por Eric Hobsbawn, *A invenção das tradições*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

⁴ GOTT, Richard. *A sombra do libertador. Hugo Chávez Frias e a transformação da Venezuela*, São Paulo: Expressão Popular, 2004, pp 137.

⁵ GOTT, Richard. *Op.cit.* 125.

⁶ HARNECKER, Marta. *Um homem, um povo*, São Paulo: Expressão Popular, 2004, pp.232.

⁷ GOTT, Richard. *Op.cit.* p.136.

⁸ BOLÍVAR, Simon. *Carta de Jamaica*

Disponível em: <http://es.wikisource.org/wiki/>, Acesso em 26 jun. 2006.

⁹ Conceito tomado de Edgar Morin, *Cultura de Massas no Século XX: neurose*, tradução: Maura Ribeiro Sardinha, 9ª edição, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.